

ARTE E RELIGIÃO NO CONTEMPORÂNEO: IMAGENS E PLANOS DE UM OLHAR SOBRE O EXTRAORDINÁRIO

Alberto Groisman*

RESUMO: O presente artigo foi apresentado na Mesa Redonda “Religiões, Religiosidades e sensibilidades artísticas”, integrando o III Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) de 20 a 22 de Outubro de 2010.

PALAVRAS CHAVE: Religião, sensibilidade, imagens, arte visionária.

ART AND RELIGION IN CONTEMPORARY: IMAGES AND PLANS FOR A LOOK ON THE EXTRAORDINARY

ABSTRACT: This paper was presented at the Round Table "Religions, Religiosities and artistic sensibilities" integrating the III Meeting of the GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH, at the Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), October 20-22, 2010.

KEYWORDS: Religion, sensibility, images, visionary art.

Durante anos tenho trabalhado com pessoas que usam diversos recursos para buscar eventos extraordinários para suas vidas. Desde carnavalescos, passando por estudantes e pesquisadores com seus projetos e trabalhos de campo, por médiuns ou outros participantes procurando serem arrebatados por entidades ou por outras forças invisíveis. Trabalhei particularmente com pessoas que usam substâncias e plantas que se considera modificam ou expandem a consciência. Estas que são chamadas por uns "alucinógenos", por outros enteógenos, palavra que como nas classificações das outras experiências sugere um vínculo entre a "natureza" e um "estado de divindade" (RUCK et allí 1979), que se chamam genericamente de êxtase (PERLONGHER 1994).

Desfilar na avenida fazendo parte de uma escola de samba, estar diante de uma banca de examinadores, sentir o formigamento e o tremelicar das pernas que aponta a chegada de uma entidade do plano espiritual, ou aquele momento em que ingerimos ou inalamos, enfim quando nos deixamos incorporar por algo que consideramos "externo" aos nossos "eus", mas que arrebatava e modifica nossa relação com o mundo.

A propósito destas experiências, eu sempre me pergunto: como transmitir o tudo que "sentem", como enfim expressar e sintetizar o que pensam, julgam, narram, e mesmo explicam sobre estes momentos extraordinários que vivem? De que maneira ou como se diz comumente representam-se estes momentos únicos das vidas das pessoas, e

* Professor do Departamento de Antropologia da UFSC (<alberto@cfh.ufsc.br>).

estes que quase exigem compartilhar, relatar, evocar, numa talvez platônica busca de reconhecer a transcendência, num de seus significados mais substantivos em termos humanos, que é de avisar aos outros que algo existe para além das aparências, algo que é de certa forma invisível ou inexplicável? Enfim, como num relato, num cântico, numa imagem, projetar esta existência na maioria das vezes instantânea e fugidia?

Como expressar que ali se manifesta da forma mais peculiar uma relação com um mundo ou um plano ao qual nem todos tem acesso, e que é para alguns é imperceptível em suas lides diárias?

Para formular estas interrogações, muito mais do que para respondê-las, divido em duas partes minha abordagem neste trabalho, que revisita imagens que tratei em outro trabalho (GROISMAN 2006). Lá no sentido de refletir instrumentalmente a fotografia e o fotografar como artefatos e artifícios para possibilitar relações interessantes. Aqui talvez possa dizer que estou tratando mais das "sensibilidades artísticas", noção proposta para nós, nesta mesa. Mas certamente se se pode chamar cada configuração que apresentarei aqui de "sensibilidade", sim talvez de certa forma análogas, ao considerar a evocação do dispositivo da transcendência, mas muito diversas, ao manipular "matérias primas" tão aparentemente distintas.

Aqui vou olhá-las num contraste entre duas configurações do que poderíamos chamar de um mesmo dispositivo, que digamos o tempo se encarrega de ressignificar. Um como "eco do passado", mas que está lá presente, pois podemos presenciá-lo. Outra configuração ao que parece de um dispositivo análogo, que podemos constatar como da esfera do privado, mas contemporâneo. Neste sentido, estou aqui fazendo um contraponto de "estilos de espiritualidade" (CARVALHO 1994) diferentes e talvez contrastantes num sentido amplo, mas análogo quando pensamos em termos de como "reliquias" do passado podem ser tratadas com criatividade e "sensibilidade" estética.

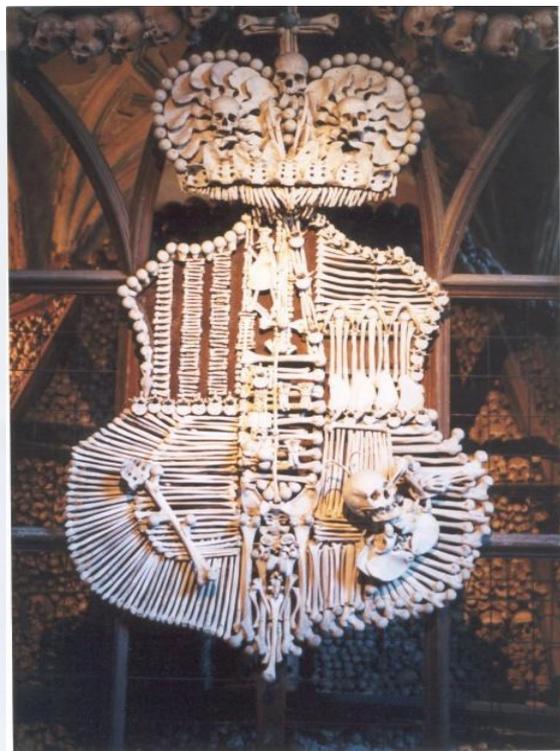
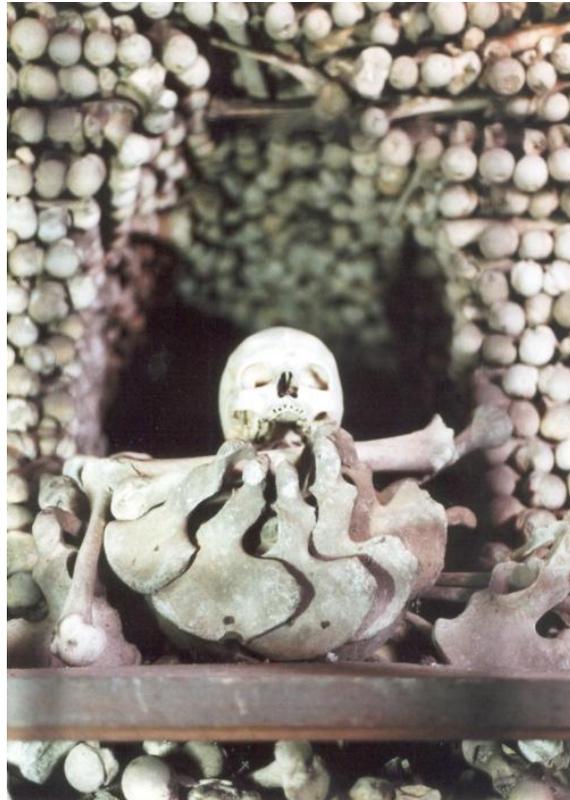
Minha perspectiva é também dialógica entre o "pesquisador" e o "viajante", tanto se considerarmos um deslocamento às formas contemporâneas de deleite e evocação, quanto se pensarmos *religião e época*, que projetadas para o tempo em que vivemos podem ser categorias que invocam os processos de busca de transcendência através da invenção e a da reinvenção (HEELAS 1996).

Kutna Hora

Uma primeira seqüência que mostro aqui relata uma experiência do viajante¹,

¹ Poderia me auto-denominar "turista" também. Mas devo considerar que ao chegar como turista ao local, no meio da experiência de presenciar tão significativas esculturas, me tornei algo diferente.

quando estive na República Tcheca no final dos anos 1990. Esta é uma coleção de imagens fascinantes, que deixo que observem.



Esta sequencia nos traz uma forma de expressão artística muito significativa e praticamente impossível de ser reproduzida nos dias de hoje, diante das inúmeras restrições legais que regulam o assunto a manipulação dos restos mortais de seres humanos. Hoje nossos resíduos são tratados em termos de vigilância sanitária.

Esta coleção provoca a mais espontânea e legítima interrogação: o que é isso? onde fica? Esta é uma série de imagens instigantes que nos exigem um texto descritivo. São imagens coletadas no ossuário junto à Capela de Todos os Santos (como se referiam os folders explicativos). Esta capela sucedeu um monastério de beneditinos digamos dissidentes, que fundaram a Ordem de Cister, e que fica na localidade de Sedlec, em Kutna Hora, a 65 quilômetros de Praga, na República Tcheca. Contam as narrativas que havia no local um monastério fundado em 1142. No século treze, o abade deste monastério teria sido enviado a Jerusalém pelo rei Otakar II da Boêmia, e na volta teria trazido um punhado de terra do Gólgota, onde - segundo as escrituras - Cristo teria sido crucificado. Motivado por sua convicção, o abade teria derramado aquele punhado de terra no cemitério do Monastério.

Seu singelo, mas, entretanto simbólico gesto produziu um fenômeno extraordinário. Ali foram sepultadas as vítimas da Peste Negra, e posteriormente outras pessoas resolveram colocar em prática um digamos para os dias de hoje considerando o que era necessário para viabilizar, peculiar desejo de serem enterradas em solo sagrado. Um movimento de peregrinos, indivíduos saudáveis e moribundos, famílias interessadas em ter os restos mortais de seus membros sepultados lá, acabou por depositar em Sedlec uma quantidade extraordinária de despojos, que é calculado como sendo de entre 40.000 e 70.000 pessoas.

No século dezenove, o entalhador Frantisk Rint, cuja assinatura em ossos pode ser observada, e seus ajudantes foram contratados para realizar o trabalho de ornamentação da capela. Só para dar um exemplo do cuidado e da inspiração do grupo, na montagem do candelabro, foram utilizados zelosamente todos os ossos do esqueleto humano.

Convido então a pensar em termos das expectativas e do poder evocativo desta reconstituição artística de restos mortais. Um registro mnemônico, performático e cenográfico, cujo resultado gera uma reciprocidade “mediada” pela experiência de presenciar, viver, sentir a transcendência, aqui também expressa pela constatação extraordinariamente contemporânea de uma iniciativa peculiar e impressionante de reciclagem da morte.

Arte e Visão

O segundo conjunto de imagens que trago aqui evoca outras sensibilidades, e retrata uma espécie de singularização, ou subjetivação da experiência religiosa, particularmente da experiência que chamamos "visionária".

A arte chamada "visionária" é uma forma privilegiada de expressão da experiência dos estados consciência e particularmente daqueles que projetam transcendências. Não vou tratar aqui, mas lembro de iconografias, representações e realizações pictóricas e esculturais produzidas ao longo da história para dar "visibilidade" ao sagrado. A arte visionária, embora fartamente produzida por diferentes pessoas, em diferentes partes do planeta, ainda é em grande parte pouco divulgada, muito por preconceito das grandes galerias, muito porque o(a)s artistas que a produzem se situam no que ainda se poderia chamar de "contracultura".

Vou tratar aqui tanto da arte visionária digamos mais "clássica", e que acaba por ser divulgada por imagens formalmente reconhecidas como "artísticas", mas também de outras formas com que se manifesta uma estética que emerge e tenta evocar o extraordinário: seres, mundos, paisagens, enfim as imagens que emergem da vivência e dos vínculos estabelecidos por estados peculiares, particularmente aqueles que estimulam expressar os planos extraordinários que em muitos casos são possíveis de acesso somente em experiências induzidas por técnicas de "modificação da consciência". Conteúdos, cores, seres, planos extraordinários são retratados de forma a provocar evocação, reflexão, assombro, sensação, sentimento, enfim sensibilidade.

Estas que trago aqui são manifestações pontuais da aplicação de uma noção de arte no mundo que poderíamos chamar de "doméstico", ou que se configura no continuum entre vida diária e ritual. Neste caso particularmente, vou abordar passagens de minha pesquisa de campo entre participantes de uma religião ayahuasqueira brasileira na Holanda (GROISMAN 2000). As religiões chamadas ayahuasqueiras emergiram no Brasil na primeira metade do século XX e hoje podemos encontrar seus agrupamentos em várias regiões do planeta, as mais conhecidas, o Santo Daime e a União do Vegetal.

Globalização, Mediação e Midiação da Experiência Religiosa: da Holanda ao Brasil, ao Nepal, ao British Museum...

Me reporto então ao meu trabalho de campo na Holanda nos anos 1997 e 1998,

que foi riquíssimo em situações e experiências que demonstraram a relevância e recorrência de formas criativas de mediação e “mídiação” da experiência religiosa. Estas formas foi como os participantes do Santo Daime na Holanda encontraram para expressar sua intenção e seu desejo de evocar e porque não dizer "descrever" suas iniciativas de vivência e "tradução" tanto de um tipo de experiência, quanto de seus vínculos, e sua identidade religiosa.

É importante preliminarmente ter em conta que os compêndios sobre arte são bastante eloquentes: foram os holandeses que tornaram o doméstico, objeto e motivo do que se chama de “arte plástica”. Com suas “naturezas mortas” e seus retratos de pose coletiva no contexto do trabalho e da vida cotidiana, os pintores holandeses de certa forma inauguraram o voyeurismo e a curiosidade em relação ao "pequeno mundo" das alcovas e das salas de estar, dos escritórios e das bibliotecas. Estes locais eram nas pinturas ornados de seres humanos severos e diligentes, talvez inspirados pelo espírito de Calvino, retratos talvez da tensão, que de certa forma constitui as relações entre protestantes e católicos nos chamados Países Baixos.

As formas e arranjos que encontrei nas casas daqueles daimistas de um lado expressavam uma relação íntima e intensiva com o doméstico, de outro indicavam uma busca, de um lado, da *alteridade*, ao projetar e estabelecer naquele espaço "objetivações" que outras perspectivas digamos remotas de espiritualidade formulavam sobre as experiências da transcendência. De certa forma amigável, aprisionando-as para evocação e deleite próprio. Mas também considerando a circulação no espaço doméstico de pessoas - que podia se observar em uma simples visita. E também, de certa forma, preenchendo o caráter *para-público* que a convivência com os demais permitia. No mesmo sentido, mas considerando outro aspecto, havia ali uma intenção de marcar uma “suspensão de fronteiras”, condição importante para que muitas vezes se possa superar limitações. Principalmente aquelas que um estoque ou um condicionamento que podemos chamar "cultural" nos impõe, diante de conteúdos que se quer interceptar, por ameaçarem o *status quo*.

Este não me parecia um procedimento "típico" dos daimistas em relação aos demais cidadãos holandeses (HORST 1996; WATLING 1999), mas sim uma configuração particular de como enfatizavam a relação entre suas trajetórias pessoais e suas experiências. Neste sentido, eu podia ver - percorrendo as ruas de Haia onde residiam estes daimistas - janelas espaçosas dos casarios, que se arranjavam expressiva e ostensivamente, e por onde era possível - como numa "vitrine da cultura" - ver os mais

diversos tipos de arranjos. Havia nestas vitrines floreiras de beleza precisa e impressionante, evocando a grande paixão dos holandeses por flores e agricultura. Mas particularmente havia relíquias em bronze de Ganesha, estátuas em tamanho verossimilhante de Budha, vestígios extraordinários de perambulações planetárias, que adornavam aquelas vistosas janelas.

Reconhecimento e Vínculo

Da mesma forma que arranjavam as *mensagens da perambulação* para que se visse *de fora*, havia uma continuidade no *mundo de dentro*. Assim, neste momento, mostro um conjunto de imagens também significativas do doméstico *Dutch*, e daimista. Estas são as imagens que coletei na casa de daimistas em Haia e Amsterdam. Escolhi primeiramente duas fotos que evocam esta busca de trazer para o familiar os vínculos com o "outro", com o remoto, com o mítico, com o místico, mas também com o afetivo e recíproco, e que tomei na Igreja Daimista chamada Céu de Santa Maria de Amsterdam.



Estas "relatam" um *continuum* entre mobilidade, poder e vínculo. Primeiro vemos uma imagem do arranjo da mesa ritual, logo após a chegada de Geraldine, líder do grupo de Amsterdam na época, de uma longa viagem ao Brasil, para consolidação de seu vínculo com o que se configura interessantemente como uma matriz do movimento daimista, na qual se convertem as sedes do Santo Daime-CEFLURIS no Brasil, com as quais ela mantém relações de reciprocidade.

Na mesa ritual está uma orquídea que ela mesma coloca lá para evocar seu retorno bem sucedido de recente viagem ao Brasil. Ao final do ritual, ela dá de presente a flor para Anna, que a substituiu na condução da Igreja durante sua ausência. Esta a acomoda – e isso pode ser visto na segunda imagem - em uma mesa em sua casa, na qual reúne objetos significativos de sua trajetória espiritual.

Na outra imagem, esta da parede da sala da casa de Geraldine, bem defronte à entrada principal, vemos sua homenagem e declaração de "vínculo espiritual" com os índios das pradarias norteamericanas, que passou a considerar importantes em sua busca de cura de um câncer em workshops que participou.



Busca e Poder

A última sequência mostra meu percurso na casa de Marco, artista plástico. Refinado, preciso, Marco vem colecionando há anos objetos que na sua trajetória de busca espiritual considerava relevantes. Em sua casa, cada espaço é ocupado pelo fruto de sua coleta que evoca sua trajetória. Rochas, objetos indígenas, bancos xamânicos,

tangkaas tibetanos ou nepaleses vão sendo colocados estratégica e articuladamente em seu lugar apropriado.

Ao entrar em sua casa me fez percorrer seus tesouros. Um deles, um impressionante compartimento de uma prateleira. Lá guardava os objetos da coleta que mencionei antes. Eram figuras de lugares remotos. Do Oriente e da África, imagens de santidades da Índia e do Nepal.



Com um orgulho aerado e sorridente, Marco me convidou para conhecer o que ele definiu com uma sutil ironia benevolente como sua “mesa xamânica”. Para cada item, uma narrativa curta de onde teria vindo, em qual circunstância e estado da alma teriam sido coletados, comprados, trocados. Sua narrativa me sugeriu uma peregrinação contínua, um percorrer talvez lúdico, mas diligente de caminhos espirituais e materiais, e os objetos de sua mesa, troféus ícones de poder variado e eficaz. Uma eficaz auto-atribuição digamos artisticamente orientada do poder e da “força” de buscador.

Pintor, Marco me mostrou também como evocava pictoricamente sua experiência com o Santo Daime ou com a Ayahuasca. Neste quadro abaixo, procurava expressar a relação que estabeleceu com as entidades indígenas – os caboclos – que passou a considerar em sua trajetória e que parece ter encontrado nos trabalhos de Umbanda (GROISMAN 2009) que participou.



Mas minha atenção foi decisivamente atraída para uma peça que jazia sobre um pequeno móvel, onde ocupava posição central. Num primeiro olhar, pensei que era uma divindade da Índia ou do Nepal. Ele me disse que divindade era, e eu despreparado para o rito que ali se instalava, anotei digamos levemente no meu bloquinho suas sumárias observações.



Esta empunhava um objeto dourado que contrastava magnificamente com sua tez betuminosa. Com o foco, vi que era uma cruz duplamente transpassada encimada com uma meia lua. Imediatamente me lembrei da impressionante experiência que tinha tido há mais de dez anos quando em plena Amazônia, visitei a Igreja do Céu do Mapiá,

sede do Santo Daime-CEFLURIS. Lá vi atônico em seu cimo a cruz de dois braços com meia lua. Me perguntei como pode uma entidade da Índia ou do Nepal empunhar aquele objeto.

Meu assombro foi tanto que mesmo procurando incansavelmente nunca mais encontrei o registro das anotações que havia feito. Tive que me contentar com a imagem que tomei. Uma foto-close-up, que de tão profunda, revelava a juventude da entidade, seu viço e seu movimento. Semanas depois, tendo voltado para a casa de estudante que residia em Londres, e constrangido em perguntar à distância afinal o que é mesmo que você me disse sobre a imagem, enviei uma cópia da foto ao *British Museum*, para que um de seus técnicos-estetas revirasse seus registros e me ajudasse a saber que deidade era.

Pois sim ele deu atenção à minha solicitação e me escreveu uma carta sumária informando que a aquela divindade "deveria ser do Nepal", sugerindo que fosse *Avalokiteshvara Padmapani*. Entretanto taxativamente me informou que não se sentiu capaz de classificar definitivamente a informação. Afinal *a divindade segurava um objeto que ele não conseguiu cogitar que fosse existente no contexto no qual havia colocado sua hipótese de localização*. O olhar "objetivo", "classificatório", "formal", mas quase inconsistente, de um *expert* do British Museum, um dos mais conhecidos e importantes museus do mundo, e que não se dignou em interrogar-me sobre, havia sido "derrotado" pela ousadia, uma espécie de ato mágico, de Marco. Marco de fato havia encomendado para um ourives de suas relações uma cruz daimista de ouro. Este hábil e precisamente a fez encaixar-se no orifício vago onde havia antes provavelmente um ramallete de flores de Lótus, mediando e comprometendo de forma criativa a percepção do técnico do Museu.

Breve Epílogo

Enfim, pensar e problematizar a "surdez" que caracteriza muito do que chamamos ciência em relação aos significados constituídos e atribuídos pelos agentes sociais às objetivações que constituem suas trajetórias, me parece estimulante para pensarmos nossas agendas de pesquisa. Sem ter me perguntado ou perguntado ao portador do objeto os detalhes de sua formulação e sentido, fez do parecer de um classificador entre aspas sistemático, um opaco opúsculo representativo desta surdez.

Assim para finalizar, sem concluir, retorno aqui à reflexão sobre o contraste entre estas sensibilidades. O que nos dizem sobre suas respectivas e agências? O que contemplá-las nos permite pensar? Enfim como superarmos a surdez que nossas

próprias sensibilidades acadêmicas às vezes nos condicionam?

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José J. O Encontro de Velhas e Novas Religiões: Esboço de uma Teoria dos Estilos de Espiritualidade. In: MOREIRA, A. e ZICMAN, R. (orgs.). *Misticismo e Novas Religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GROISMAN, Alberto. Fotografia e Fotografar: paradigmas, artefatos e artifícios sociais e relacionais. In: LENZI, Lucia H C ET allí (orgs.) *Imagem: intervenção e pesquisa*. Florianópolis: EdUFSC, 2006.

GROISMAN, Alberto. O Lúdico e o Cósmico: Rito e Pensamento entre Daimistas Holandeses. *Primeira Mão* 53: PPGAS-UFSC, 2002.

GROISMAN, Alberto. *Santo Daime in the Netherlands: An Anthropological Study of a New World Religion in a European Setting*. PhD Thesis. Goldsmiths College, University of London, 2000.

GROISMAN, Alberto. Trajectories, Frontiers and Reparations in the Expansion of Santo Daime to Europe. In: CSORDAS, T (ed.) *Transnational Transcendence: Essays on Religion and Globalization*. Los Angeles: University of California Press, 2009.

HEELAS, Paul. (ed.). *Religion, Modernity and Postmodernity*. Oxford: Blackwell, 1998.

HORST, H V D. *The Low Sky: Understanding the Dutch*. Shiedam/Den Haag: Scriptum Books/Nuffic, 1996.

PERLONGHER, Nestor. Droga e êxtase. *Religião e Sociedade*, v. 16/3. Rj: ISER, 1994.

RIOS, Marlene Dobkin de. *Visionary Vine: Psychedelic Healing in the Peruvian Amazon*. San Francisco: Chandler, 1972.

RUCK, Carl A.P et allí. Entheogens. *Journal of Psychedelic Drugs*, n.1, vol.2, 1979.

SOARES, Luis E. O Santo Daime no Contexto da Nova Consciência Religiosa. *Cadernos do ISER* 23. RJ, ISER, 1990.

SOIBELMAN, Tania. *My Father and My Mother; Show Me Your Beauty: Ritual Use of Ayahuasca in Rio de Janeiro*. Master dissertation, The California Institute of Integral Studies, USA, 1995.

WATLING, T. *Negotiating Religious Pluralism: The Dialectical Development of Religious Identities in the Netherlands*. PhD Thesis, UCL, University of London, 1999.

RECEBIDO EM 20/07/2011

APROVADO EM 05/05/2012